



JUNTOS PELO FIM DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica busca envolver homens e mulheres em um esforço para:

- Questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na família e na sociedade;
- Incentivar o diálogo dentro das famílias;
- Prevenir a violência doméstica.

A mensagem central da campanha é que **juntos**, todos os angolanos e angolanas podem resolver os problemas e conflitos familiares através do diálogo e do respeito, sem recorrer à qualquer tipo de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou económica.



SUZANA MENDES

“A violência doméstica deixa marcas profundas”

Somos felizes porque partilhamos!



**JULIANA FELICIANO
AS MULHERES
NA LUTA CONTRA A VD**

**NOSSA CAMPANHA:
GRUPO FOCAL O QUE É
E COMO SE FAZ**



**ACTUALIDADE:
FALSO PASTOR
VIOLA CRIANÇAS**

Editorial



Caras leitoras e caros leitores,

Conforme a campanha vai se desenvolvendo vamos abordando temas cada vez mais delicados que exigem de nós uma ligação mais próxima com a comunidade

para que possamos comunicar da melhor maneira possível as mensagens que queremos transmitir.

Para reduzir a violência todos nós temos que reflectir sobre nossos comportamentos e escolher muito cuidadosamente as nossas atitudes. Homens e mulheres frequentemente arranjam desculpas para justificar a violência que ocorre no seio familiar. Ouvimos frequentemente: “a mulher deve ter feito alguma coisa para isso acontecer”; “ela tem que mudar porque os homens não têm controlo e são agressivos de natureza”; “a mulher é responsável pela harmonia do lar”. Enfim... esquecemos que a **única** pessoa que pode terminar com a violência é a pessoa que **usa** a violência.

A maioria dos homens não são fisicamente violentos, o que demonstra que o uso da violência é uma opção, uma escolha. Mas, porque os outros homens (que não usam a violência) não falem **contra** a violência? Porque se caem? O silêncio da maioria acaba nos tornando cúmplices da violência.

Acreditamos que juntos, homens e mulheres, podemos descobrir maneiras para acabar com a violência doméstica no Cazenga, por isso pedimos que participem da campanha: lendo os materiais, participando de eventos, conversando entre si sobre esse tema e mais importante, deixando muito claro que **não existe justificativa para a violência doméstica!**

Ficha Técnica

Propriedade:

Projecto Respond / EH.

Paginação:

André Suamino

Redacção:

Analtina A. Guimarães
Aoaní d’Alva

Tiragem:

6000 Exemplares

Revisão:

Daniel Lima; Delma
Monteiro; Fábio Verani

Impressão:

EAL
Edições de Angola Lda.

Fala Então!

Nesta edição os activistas falam sobre o que pensam das desculpas usadas para justificar a violência.



ARMANDO CHIVINDA:

Eu acho que nada justifica a violência pelas seguintes razões: Em 1º lugar o homem é um ser, racional (que reflete) e suficientemente capaz de raciocinar sobre todos os seus actos,

e censurar os mesmos. 2º porque ninguém tem direito de magoar, ou mesmo ferir sensibilidades do outro por mais que o insulte, ou faça qualquer coisa. Não devemos fazer qualquer coisa sem submetemo-nos a análise, e devemos saber controlar as nossas emoções para depois não arranjarmos desculpas para os nossos actos.

CONCEIÇÃO GUIMARÃES:

Alguns factores como o baixo nível de escolaridade, baixo poder económico, questões culturais e financeiras, a fraca informação sobre a violência, a fraca divulgação da lei sobre a violência doméstica talvez ajudem a explicar a violência, mas nunca poderão justificar a violência.



ADÃO DA CRUZ:

A existência de diferentes tipos de agressores não significa que algumas formas de maus tratos não sejam graves. Qualquer tipo de violência física pode causar ferimentos ou até mesmo a morte. Assim sendo, não há situação nenhuma que torna justificável a violência.



ANGÉLICA DANIEL.

Não há aspecto nenhum de relações entre duas pessoas que possa tornar a violência justificável. Todas as acções que firam a integridade física, psicológica são puníveis conforme a lei e acarreta suas devidas penas.



Nossa Campanha



Nesta edição vamos mostrar aos leitores um pouco mais de como funciona a nossa campanha. Sempre que pretendemos levar um material novo para as ruas, nós realizamos um grupo focal. Grupo focal é uma técnica de diagnóstico usada em muitos países e em vários domínios, que serve para testar a opinião do público em relação a determinado produto ou projecto.

No caso do nosso projecto, cada vez que começa uma nova fase do projecto, como é a fase em que agora nos encontramos, a segunda fase, a fase centrada na problemática da violência doméstica propriamente dita,

nós pedimos a opinião dos residentes do Cazenga sobre determinado material que pretendemos lançar.

Faz-se duas reuniões, uma com homens e outras com mulheres, com idades entre os 18 e os 49 anos. Para serem válidos os encontros devem reunir um mínimo de seis pessoas e um máximo de 12. E estas pessoas não devem ter a mínima ideia do que se pretende delas. Não devem conhecer o produto, pois podem vir já com opiniões formadas, o que afecta a forma como vão fazer a avaliação.

Estes encontros são coordenados por um moderador, que vai fazendo perguntas e to-

mando notas das opiniões. Nos grupos focais realizados as pessoas ouvidas emitira a sua opinião sobre a proposta de cartaz para a segunda fase da campanha.

Primeiro foi o grupo das senhoras a analisar a proposta de cartaz, depois seguiu-se o grupo dos senhores. Algumas opiniões foram parecidas, outras bastante diferentes, entre os dois grupos. Mas todas elas foram anotadas e serão levadas em consideração na hora de terminar o cartaz. Fiquem atentos, nos próximos tempos os novos cartazes estarão colados nos postes e muros das ruas do 11 de Novembro.

Noticia da campanha

Activistas da Campanha realizaram no dia 18/06/13, uma palestra sobre Violência Doméstica e suas consequências, na Igreja Baptista, na paróquia do Primeiro Centenário da Fé, no Bairro 11 de Novembro. A palestra que foi programada para durar 30 minutos durou mais de uma hora

devido ao debate acessível e participativo que a mesma gerou. As pastoras presente pediram para que os activistas regressassem e ficou agendado uma reunião para planificar um calendário de actividades em torno do tema da violência. Participaram da Palestra de 220 mulheres e 2 homens.

Actualidade

Falso Pastor viola criança

Uma menina de 8 anos foi, ao que tudo indica, violada sexualmente, por um homem de mais de 40 anos, que se apresentava no bairro 11 de Setembro, no Cazenga, como pastor Justino. O crime terá ocorrido na cantina do homem, quando a menina foi fazer compras a pedido da mãe.

Segundo a mãe da criança, Ana (nome fictício), ela só se apercebeu do que aconteceu com a filha, porque alguém falou



sobre outras crianças que haviam sido molestadas. Preocupada, no mesmo momento mandou chamar as crianças e perguntou se alguma vez lhes tinha acontecido alguma coisa assim.

Então a menina contou que o “tio” da cantina também lhe tinha feito “coisas”. Revoltados, os pais da criança foram ter com o suposto pastor e confrontaram-no com a denúncia da filha. Num primeiro momento o suspeito negou ter feito o que quer que seja, alegando que era um “cervo de Deus”, como conta o pai da menina, Afonso (nome fictício).

Depois de falarem com o pastor Justino, os pais da criança rumaram para a 14ª Esquadra da Polícia Nacional, Divisão do Cazenga, onde apresentaram queixa contra o indivíduo. Foram mandados para o centro de saúde para que a menina fosse observada por um médico. O diagnóstico comprovou que em-

bora não tivesse sido penetrada, a menina tinha escoriações na vagina.

“Quando regressamos, o senhor comandante nos perguntou se não queríamos conversar com o senhor, para ele pagar a pomada e os tratamentos da nossa filha, já que não tinha sido nada grave”, conta Ana, revoltada. Como os pais não aceitaram dialogar com o indivíduo, o resultado do centro de saúde não foi aceite e eles foram encaminhados para o laboratório da polícia onde o resultado foi o mesmo.

Segundo a família da vítima, o presumível autor da violação foi levado para a comarca de Viana, mas diante da facilidade com que a polícia se mostrou disponível a mediar uma conversa, eles têm medo que o indivíduo tenha fugido.

O Cazenguinha vai trazer o desenrolar desta história na próxima edição.

Figuras do Cazenga

JULIANA FELICIANO

Juliana Feliciano, é secretária administrativa da União Cristã Feminina (UCF) desde a sua fundação, em 2000. Diz que o que mais gosta do seu trabalho é “lidar com as pessoas e viver na diversidade”. Hoje a tia Juliana, como é carinhosamente tratada na instituição e no bairro, sente-se capaz de conviver com pessoas com culturas diferentes e de se adaptar com rapidez a vários ambientes.

“A nossa comunidade acha que só é violência quando ela é física ou patrimonial, aquela que é visível. A violência psicológica, sexual, verbal, é difícil das pessoas darem conta. Na maior parte das vezes não têm nenhuma noção sobre esse tipo de violência”, aponta.

“Muitas mulheres, por terem

recebido estas noções dos pais, acreditam que a mulher nasceu realmente para sofrer”, continua tia Juliana, acrescentando que na sua opinião as mulheres não nasceram para sofrer e que tanto mulheres como homens têm os mesmos direitos. “Os dois, dentro de casa, têm direitos e deveres. Nós todos somos feitos a imagens e semelhança de Deus. E Deus não nos criou dizendo a mulher faz isso e o homem faz aquilo. A própria sociedade é que estipula as regras, que acabam por afectar mais as mulheres”, continua a secretária administrativa.

Tia Juliana diz ainda que os aspectos culturais devem ser revistos e as mulheres devem procurar aprender

mais sobre os seus direitos. “Para reivindicarmos os nossos direitos, nós devemos estar informadas e aprendermos mais sobre eles, porque temos que ter bases para discutirmos”, explica.



Contos da Minha Banda

Mudei de ideia!

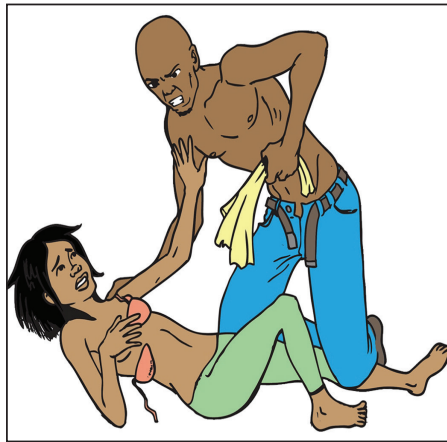
Epalanga e Pedro sentaram-se para tomar o seu fino habitual, no bar da Esquina e de seguida uma moça de saia curta e decote acentuado sentou a alguns metros de distância. Epalanga disse logo: Isso é que é mulher! Não é mano? Pedro, meio envergonhado, responde: Que é isso mano, olha o respeito! Pedem os finos e depois do primeiro gole Epalanga diz:

- A dama é mesmo boa, vou lá falar com ela. Pedro intervém. - Boa? A Tukayana não é boa? Ao

que Epalanga responde: - Eh... Nem sabes o que ela me aprontou... - Ela não é miúda de aprontar. O que foi que aconteceu? Pergunta Pedro. - Combinamos ficar juntos, naquela pensão onde bazamos sempre e fomos pra lá ontem. Depois de estarmos no quarto, tiramos a roupa e tudo e a gaja me diz que não queria sexo. Veio com uma conversa de que só queria ficar "juntinho" e mais nada.

- Yá, Epalanga, isso acontece... Antes que Pedro acabasse de falar Epalanga interrompe: - Acontece? Depois de um gajo estar bem estimulado... Pedro responde: - Nestes momentos temos que manter a calma. As vezes ela quer só um pouco de conforto.

- No início até fiquei calmo "Pensei, é só truque. Daqui há pouco ela deixa" e continuei a lhe acariciar pra ver se ela não caía. De repente a gaja berra: "Pára! Mudei de ideias. Não quero fazer sexo" Mano, fiquei malaique... E fizeste o quê? Perguntou Pedro. - O que tu achas? De-



pois de gastar o meu dinheiro? No estado em que eu estava... Lhe arranquei a roupa que ela já estava a vestir e lhe atirei na cama. Ela ainda lutou uns cochis, me arranhou... Mas depois ficou quietinha e fui até ao fim. - Contou Epalanga orgulhoso.

- Xé uí, e vens me contar isso assim... achas que agiste bem?- Pergunta Pedro, de forma séria. Ao que Epalanga se surpreende... e pergunta já tentando se justificar. - Estás a falar assim comigo porquê?

Foi uma reacção normal, eu sou homem. Não dá pra parar nessa situação e depois... E depois nada – interrompe Epalanga. – O que fizeste está errado. É violação. Em situação alguma podes obrigar a tua namorada a fazer sexo contigo. Um homem sabe se controlar e pode parar em qualquer momento... eu também sou homem e já parei várias vezes... possa Epalanga, que decepção. Nunca pensei que fosses capaz de fazer uma coisa dessas...

- Também estás a exagerar mano, violação como? Ela é minha dama!

- Mais uma razão para lhe respeitares. Se ela diz que não quer deves parar sim. Sexo sem consentimento é violação e a Tukayana pode até te denunciar a polícia. Grandá homem que tu és... Olha aproveita esse tempo pra pensar na gravidade do que fizeste. Eu até perdi a vontade de tomar o fino...

- Eh, Pedro... Calma ai mano. Pedro... Pedro...

Reflexão

A violência sexual é um tema difícil e ainda pouco discutido em nosso quotidiano, por isso, para simplificar a nossa reflexão vamos tentar observar com mais atenção os personagens aqui apresentados.

Epalanga representa aqueles homens que foram educados de uma forma muito machista e que vêem as mulheres como objectos, que eles podem usar da maneira que quiserem. Para ele, a decisão de ter ou não uma relação sexual é do homem, o que importa é apenas o desejo dele.

Tukayana simboliza aqui as muitas mulheres que sofreram, sofrem ou sofrerão em algum momento de suas vidas desse problema tão grave e infelizmente tão comum. Pelo conto, não sabemos o que vai acontecer com ela, mas é muito provável que ela viva a dor desta violação em silêncio, sozinha, por vergonha, medo ou por falta de informação sobre os seus direitos.

Pedro é uma figura muito especial e importante! Quase certamente, ele também foi educado numa cultura machista, como Epalanga, só que ele buscou outras formas de se relacionar com as mulheres, as reconhece como iguais e tem coragem de se posicionar quando identifica situações de violência.

Muitas pessoas não sabem, mas a violação sexual dentro do namoro e do casamento é um fato muito comum e como muito bem traz a Lei de Violência Doméstica, é um crime. É impossível pensarmos em relacionamentos saudáveis quando uma pessoa impõe o seu desejo e força a outra a fazer algo que ela não quer.

Suzana Mendes**Directora do gabinete de projectos do FMJIG**

Nesta edição o cazenguinha falou com Suzana Mendes, Fórum de Mulheres Jornalistas para a Igualdade de Género

Como do fórum de Mulheres Jornalistas para Igualdade de Género (FMJIG) entende a violência doméstica?

Entendemos que trata-se de um drama social, de grande dimensão. Anualmente, segundo estatísticas oficiais, mais de 2.000 pessoas apresentam queixas relativas a violência doméstica, em Angola, contudo, temos que ter em conta, que muitas vítimas ainda não apresentam queixa porque têm medo de serem estigmatizadas, de voltarem a sofrer uma violência ou porque dependem economicamente do agressor. Este é um fenómeno que temos que combater e que exige a contribuição de todos, desde o Estado até a sociedade civil. Temos que desafiar o silêncio em torno deste problema.



sam por este problema, para darem o seu testemunho de vida e ajudarem outras vítimas a quebrar o ciclo de violência. O trabalho de sensibilização é feito através da radio (essencialmente), de jornais, através da televisão e também da internet e redes sociais.

Existe alguma atenção especial para o Município do Cazenga? Porquê?

Temos feito muito trabalho a nível de Luanda. No município do Cazenga temos trabalhado em cooperação com o jornal comunitário Ecos do Henda, que tem pesquisado e divulgado notícias a nível local e que integra a nossa rede de troca de informação sobre o problema.

Quais as estratégias que o FMJIG usa para Combater a violência doméstica?

O Fórum de Mulheres Jornalistas é uma organização da sociedade civil que envolve jornalistas de órgãos públicos e privados, para promover a igualdade de género e o nosso contributo a sociedade no que toca a violência doméstica tem sido através do nosso trabalho enquanto jornalistas. A nossa prioridade é fazer com que este tema continue a ser uma prioridade nas agendas informativas dos meios de comunicação social do nosso país noticiando os casos e fazendo um trabalho de sensibilização permanente. Ao longo do nosso trabalho verificamos que uma das causas da violência baseada no género é o facto de as vítimas desconhecerem os seus direitos, o que faz com que se resignem diante das agressões, daí ser importante divulgar ao máximo as leis e mecanismos legais de protecção às vítimas de violência doméstica. Ao mesmo tempo apostamos na divulgação dos casos e em dar voz as pessoas que pas-

Quais as consequências da Violência Doméstica?

A violência doméstica deixa marcas profundas, não só na vítima mas em toda a família. As pessoas que passam por este problema ficam traumatizadas e enfrentam muitos problemas, em muitos casos são até estigmatizadas. Temos conhecimento de casos que terminam em mutilação das pessoas agredidas e até mesmo em morte. A base de uma sociedade são as famílias que a integram e enquanto tivermos casos de violência doméstica, que afectam principalmente mulheres, crianças e idosos, teremos sérios problemas sociais.

Que conselho deixa aos moradores do Cazenga?

Peço a cada um dos munícipes que seja um actor na luta contra a violência doméstica. Está em vigor no nosso País uma Lei Contra a Violência Doméstica que dá amplas garantias de protecção as vítimas, ao abrigo da qual qualquer pessoa que presencia um caso de violência doméstica pode denunciar as autoridades. Nas nossas famílias podemos ser agentes promotores da paz e fazer um trabalho permanente de sensibilização.

JOÃO E ZINHA RESPONDEM

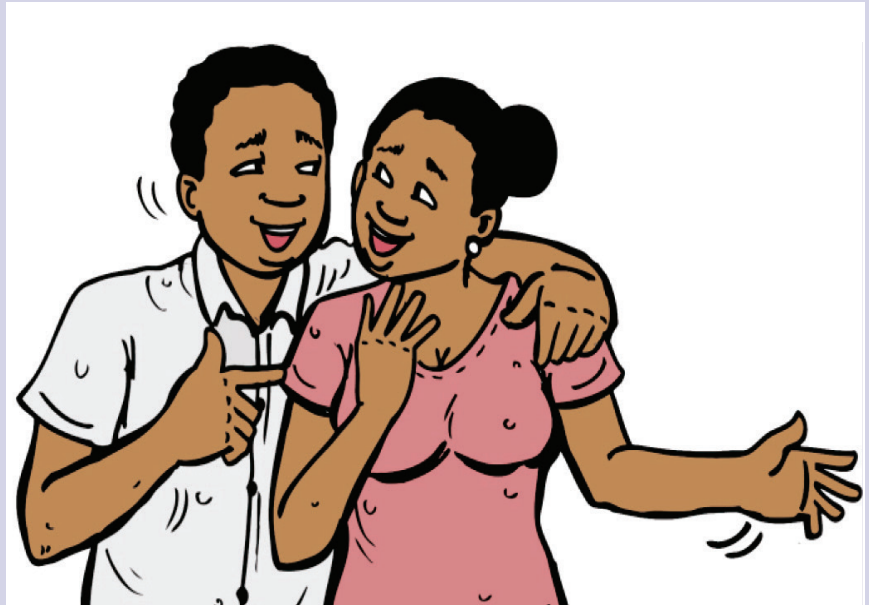
Olá leitores e leitoras do Cazenguinha! Muito obrigada pelas mensagens, Infelizmente este espaço é insuficiente para respondermos a todos por isso passaremos a responder algumas perguntas na nossa página do Facebook onde vocês são todos muito bem-vindos.

Eu saio com o marido da minha vizinha e amiga. O que faço? (Anónima)

Cara amiga, a situação que nos apresentas é claramente contraditória. Numa relação de amizade existe lealdade, sinceridade, honestidade e não traição, dissimulação e falsidade. Assim, não és amiga da tua vizinha. É normal cometermos erros num momento de fraqueza ou irresponsabilidade mas permanecer nele é uma opção. Aconselhamos-te a terminar essa relação por três motivos: Uma amizade verdadeira não tem preço; um homem de carácter sabe escolher com quem quer estar; e por último, nunca terás uma relação completa com este homem e se é só por diversão, não vale a pena se causa sofrimento a outras pessoas. Sê sensata.

Será que fazer sexo na rua como prova de amor é errado? (Anónima)

Amiga/o, fazer sexo como prova de amor é errado em qualquer situação ou lugar. Quem ama sabe esperar o momento e a disposição do outro. E a pessoa que pede uma prova de amor deveria ser a primeira a dar uma. Esperar



que a/o parceira/o se sinta preparado para uma “fantasia” sexual é uma grande demonstração de amor. Esse tipo de pedido ou exigência é uma chantagem emocional e quem faz isso quer dominar, quer controlar e isso não é sinónimo de amor por isso, não deves sentir-te na obrigação de provar o teu amor pra alguém que não te ama.

Meu marido me espancou eu fui a polícia mas não deu em nada. A quem devo recorrer agora? (Luia)

Amiga Luia, muitos dos agentes da polícia ainda acreditam que em assuntos de marido e mulher ninguém deve meter a colher e por isso é ainda um dilema complicado para eles lidarem com esse tipo de queixa. O bom é que existe dentro da polícia pessoas com outro entendimento que estão a trabalhar no sentido de me-

lhorar esse quadro. Por isso não te desanimes! O passo que deste é muito corajoso e importante para ti e para outras mulheres vítimas de violência. O que te aconselhamos é pedires uma audiência ao comandante da esquadra ou escreveres uma carta a solicitar informação sobre o estado da queixa que fizeste e a polícia tem a obrigação de te prestar essa informação. Aconselhamos-te ainda a procurar o Departamento de Violência Doméstica, na DNIC, para fazerem o acompanhamento do caso.

Deixar de dar assistência aos filhos é crime? (Isabel)

Cara Isabel, é crime sim, deixar de dar assistência aos filhos. A Lei 25/11 - Lei da Violência Doméstica – considera este acto como um crime de violência doméstica, do tipo Abandono Familiar.

Envie sua pergunta sobre relacionamentos, namoro, casamento, família, igualdade de género e violência doméstica para ser respondida aqui!
E-mail: campanhajuntos@gmail.com;
Facebook “Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica”
Telefone: 946 779 349

Passatempo



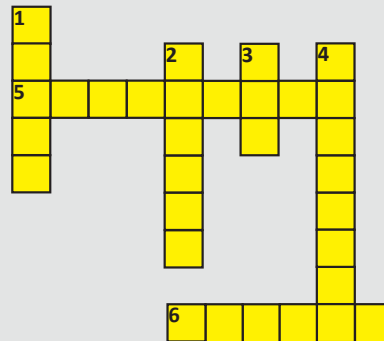
Sabia que?

Mesmo quando a vítima desiste da queixa, o agressor é obrigado a pagar-lhe uma indemnização. Existem casos de violência doméstica em que a queixa não pode ser retirada:

- Falta contínua de prestação de alimentos à criança e de assistência devida à mulher grávida;
- Abuso sexual a menores de idade ou idosos sob sua responsabilidade e incapazes;
- Apropriação indevida de bens da herança;
- Venda e desvio de bens patrimoniais da família, tendo em conta o seu valor em dinheiro;
- Prática de casamento tradicional ou não, com menores de catorze anos de idade ou incapazes.

Palavras Cruzadas

Violência Doméstica
Alguns espaços onde a violência é considerada doméstica



Horizontal
5. Etuda-se e dorme-se neste local
6. Crianças maiores assam a maior parte do tempo

Vertical
1. Acolhe mais velhos
2. Crianças pequenas passam maior parte do tempo
3. Lugar onde mora a família
4. Onde se vai quando se está doente